

### *Redação Oficial no Treinamento dos Servidores*

35.082

JOÃO LUIZ NEY

**C**ONSAGRAM-SE os Cursos de Administração do D.A.S.P. à formação e treinamento de servidores, visando capacitá-los a maior rendimento no desempenho de suas funções, no serviço público federal. Com êsse objetivo, vem de ser criado ali mais um curso especializado, para treinamento de Oficiais Administrativos, com aulas, e súmulas gratuitas de Português e Redação Oficial, Direito Administrativo, Constitucional, Civil e Penal, Geografia e Matemática.

O acêrto da iniciativa já se faz sentir, desde logo, não só pelo interêsse despertado nos funcionários daquela classe, mas ainda, e principalmente, pelos frutos que desde já se vão colhendo nas salas de aula, onde o professor de Português e Redação Oficial, por exemplo, com duas lições semanais apenas, tem tido oportunidade de, em três meses de curso, apreciar o satisfatório aproveitamento de grande parte dos alunos, na aquisição dos recursos e qualidades pertinentes à boa linguagem, e de fãcilmente iniciá-los nos cativantes segredos da arte de redigir.

E' dêsses resultados e dessa experiênciã naquelas turmas que nos propomos tratar.

Não discorremos aqui sôbre teóricos problemas de metodologia. Sustentamos, única e exclusivamente, a eficácia do que, a nosso ver, compete aplicar-se no ensino finalisticamente pragmático da redação oficial. Temos em mente o aforismo: para boa colheita, melhor sementeira.

Ora, não visa êsse curso à formação de beletristas exímios nem, tampouco, à de meros revisores dos escritos alheios. Quer-se o funcionário capaz de redigir, em linguagem estreme, os documentos oficiais. Intenta-se habilitar as turmas a redigir com correção, clareza, concisão, espontaneidade e elegância, no atendimento das necessidades administrativas.

Para isso, impõe-se, fundamentalmente, o domínio simultâneo de duas técnicas: a da *forma* e a do *conteúdo*. A primeira, policia-a o professor de Português; a segunda, precipuamente, o professor de Direito, de Organização e de Orçamento. O primeiro objetiva o sistema lingüístico; o segundo, a legitimidade, interêsse e propriedade de ordem administrativa.

E' propósito nosso o estudo dos meios de que se pode servir o primeiro, na concretização do seu escopo: o domínio fãcil da técnica de redação, através do conhecimento prático das inapreciáveis riquezas do nosso sistema lingüístico.

Neste ponto, uma pergunta prévia. Que mais importa, no estudo e conhecimento da língua, a quem dela diàriamente se serve em razão de seu ofício? Respondem os filólogos: o ponto essencial é sobretudo a sintaxe. Na estrutura sintática é que estão as relações vocabulares.

Assim, dominar a língua é, mormente, conhecer e assimilar-lhe a estrutura, as possibilidades de arranjo dos tēmos oracionais, os processos de dependência e interdependência das orações. E', enfim, fazer *análise sintática*, parte da gramática que José Oiticica, precisamente, define como "o estudo da estrutura de uma língua".

Há, porém, o exagêro e a subestimação da análise sintática, por parte dos professôres, em todos os idiomas. Cumpre reconhecer-lhe a importância, mas evitar-lhe o excesso. Querer transformá-la num fim, quando é meio de adquirir a arte de escrever, será desserviço e procedimento inane nas aulas de português.

Para atender, satisfatòriamente, a sua finalidade, deve o método de análise assentar-se nos fatos lingüísticos e permitir classificar e compreender os múltiplos arranjos e acidentes possíveis do discurso: coordenação, subordinação, braquilogias, antecipações, anacolutos, denotações, ênfases, justaposições, correlações, etc.

Servindo-se dessas noções, poderá o discípulo, a par dos exercícios de análise, iniciar-se na substituição das estruturas e, guiado pela experiência do mestre, lograr o melhor arranjo das orações no texto, e ir-se inteirando, progressivamente, das relações várias entre os tēmos do período e dos períodos entre si. Expediente que muito lhe facilitará a compreensão e assimilação dos arranjos estilísticos. Eis a importância da análise. Ela é que nos permite compreender e realizar êsses arranjos; ela que nos capacita a apurar e corrigir os erros de sintaxe; ela que nos conduz conscientemente às qualidades do estilo.

Lembre-se, de passagem, que essas qualidades, indispensáveis mesmo no estilo simples de nossas atividades cotidianas, consistem: 1.º) na *correção*: observância dos cânones gramaticais ditados pela tradição clássica da língua; 2.º) na *clareza*: expressão cristalina do pensamento, a ponto de fazer-se facilmente entendido por todos; 3.º) na *concisão*: economia na expressão do pensamento, mencionando só o estritamente indispensável, ou guardando o maior número de idéias no mínimo possível de palavras; 4.º) na *nobreza*: proscricção dos ditos chulos e expressões plebéias; 5.º) na *harmonia*: boa disposição dos elementos da frase e dos arranjos fraseológicos do período, procurando-se melhor ritmo e mais agradável ajustamento fônico; 6.º) na *precisão*: emprêgo do tēmo próprio e adequado à integral expressão de um pensamento; 7.º) na *originalidade*: ausência do trivial, evitando-se as chapas e repetições.

No estudo dessas qualidades gerais, é de tōda conveniência mencione o professor, com exemplos, os defeitos que lhes são correspondentes: *impureza*, *obscuridade*, *prolixidade*, *aviltamento*, *desarmonia*, *impropriedade* e *vulgarismo*.

Seria demais, neste trabalho ligeiro, o exame pormenorizado de cada uma dessas qualidades e defeitos. Vale, porém, a sugestão de fazê-lo, na sala de aula, o professor de português dos Cursos de Administração do D.A.S.P., pelo menos no segundo semestre do Curso de treinamento de oficiais administra-

tivos, quando poderá servir-se dos exercícios de redação dos próprios alunos, na exemplificação dos defeitos e encarecimento das qualidades.

Salientemos tão somente, por enquanto, a excelência da análise sintática como roteiro eficaz no estudo daqueles requisitos técnicos caracterizadores do bom estilo.

Como conduzi-la, porém, a tão relevante meta?

Partindo dos mais simples exemplos de estruturas equipolentes, chegará o estudante a desconjuntar parágrafos inteiros, no esforço de lhe achar a melhor expressão, a mais clara, a mais concisa, a mais harmônica, a de maior precisão e propriedade.

No estudo das orações substantivas, mister se faz, por exemplo, a comparação de frases como: *Consta que suspenderam dois funcionários* e *Consta a suspensão de dois funcionários*. Duas estruturas para o mesmo pensamento. A primeira, período composto; a segunda, simples. Em ambas, a declaração fundamental é *consta*, cujo sujeito, na primeira, é a oração substantiva: *que suspenderam dois funcionários*; na segunda, o substantivo *suspensão*, seguido do complemento objetivo *de dois funcionários* que, na oração subordinada da primeira estrutura, é objeto direto de *suspenderam*. Surge, no caso, o complemento objetivo em consequência da substituição do verbo da subordinada pelo substantivo cognato. (1) Temos, em ambos os períodos, duas declarações; diferenciam-se apenas quanto à forma: uma simples e outra composta.

O mesmo se apontará com respeito às demais substantivas, lembrando-se ainda o recurso de reduzi-las a infinito para obter elegância e sobriedade de estilo.

Um exemplo: o período — *No caso de que sejam respeitados aqueles princípios, importa que sejam intransigentes* — reduz-se, com vontade, a — *No caso de se respeitarem aqueles princípios, importa sermos intransigentes*. Recorremos ao infinitivo para substituir o modo finito das duas orações substantivas desenvolvidas. Nos melhores autores, não preponderam estas sobre as reduzidas.

Estilisticamente, ótimo preceito é evitar as orações subordinadas. Em geral, são elas responsáveis pelo estilo rabilongo, pelos parágrafos de mau gosto. Do seu abuso, advêm, muitas vezes, os acumulamentos e a obscuridade do arcabouço fraseológico supinamente deselegante.

Com as orações adjetivas, amiúde, são factíveis as mesmas transformações. No período: “Os amigos *que ouvem este programa* estão lembrados do *que lhes recomendamos ultimamente*”, às orações adjetivas, grifadas, preferíamos a estrutura simples, pela sua superioridade de concisão sem prejuízo da clareza. Diríamos o mesmo com mais economia e mais adequado arcabouço: “Os amigos *ouvintes deste programa* estão lembrados *da nossa última recomendação*”, ou melhor: “Os amigos *ouvintes* lembram-se da *nossa última recomendação*”, ou ainda: “Lembram-se os amigos *ouvintes* da *nossa última recomendação*”.

(1) Veja meu *Guia de Análise Sintática*, p. 55.

Releva notar o importantíssimo ditame estilístico de transformação das adjetivas, em reduzidas de gerúndio e particípio passado. Seja o exemplo: “publicam os jornais a fotografia do criminoso *que está sendo procurado pela polícia*”. Aí, a adjetiva grifada reduz-se a particípio passado, omitindo-se o relativo *que* e os auxiliares *está sendo*. Diríamos: “publicam os jornais a fotografia do criminoso *procurado pela polícia*”.

No exame das adjetivas reduzidas de gerúndio, é de toda conveniência advertir o professor seus discípulos contra o vício freqüente das construções com gerúndio sem sentido progressivo. Corrigirá exemplos como êstes: “Comprei um apartamento *contendo* duas salas e dois quartos”; “Planeje-me uma prova *constando* de vinte questões sobre o assunto”. Emprêgo vicioso do gerúndio facilmente substituível, em ambos os casos, pela preposição *com*.

E' mister, no mesmo passo, a observação quanto à viciosa antecipação do sujeito ao verbo, nas adverbiais reduzidas de gerúndio e de particípio passado: “o processo chegando, encaminhe-o à secretária” em vez da construção vernácula: “chegando o processo, encaminhe-o à secretária”.

Iríamos longe no encarecimento da análise sintática, se nos dispuséssemos a fazer sentir, através de exemplos, a sua relevância na compreensão dos variadíssimos processos de estruturas periódicas. Não nos faltará oportunidade de fazê-lo em trabalho futuro, mais amplo e especializado, que servirá de subsídio no apuramento da boa linguagem.

Pode-se, no entanto, entrever que precioso instrumento educativo nos fornecerão os bem dosados exercícios de análise, quando aplicados na correção gramatical e estilística de textos alheios, ou no comentário dos trabalhos da classe.

Vejamos um exemplo.

Apresente-se aos discípulos um texto para corrigir, e, depois de lhe identificar e apurar os erros gramaticais, peçamos a eliminação das orações subordinadas.

Tomemos o seguinte texto:

*“Como Azevedo era muito rico, e que não tinha filhos seus, recebeu em sua casa aquela menina, tratou-a como sua filha, dando-lhe sua assistência e pondo nela seu maior carinho. Muitas vêzes o vi eu mesmo, quando ela estava com febre, dar-lhe os banhos com suas mãos, e acalentá-la nos seus braços. Agora, que sua cabeça está branca e suas pernas estão trôpegas, ela não cuida da sua velhice e é ingrata para seu benfeitor.”*

Correção gramatical: na frase — *e que não tinha filhos seus*, assina-se um *que* intruso, sem qualquer função, inadmissível na contextura do período. Em seguida, vem o emprêgo abusivo e anfibológico do possessivo *seus, sua*.

Façam-se essas correções; elimine-se o *que* e os possessivos dispensáveis, e ter-se-á o texto isento de erros gramaticais, mas achamboado e inçado ainda de impropriedades de estilo, dado o acúmulo das orações subordinadas e o derramamento da ordem direta das frases.

Pede o trecho nova contextura.

Faça-se a eliminação das subordinadas e veja-se a superioridade de concisão e elegância do novo arranjo que aparece.

Poderia, a primeira declaração, estruturar-se assim: "*Rico e sem tilhos, recebeu Azevedo aquela menina...*" de notória superioridade, sem dúvida, sobre a do texto original, que apresenta duas adverbiais causais, iniciadas por *como*, perfeitamente redutíveis a: *rico e sem filhos* — dois meros predicativos do sujeito.

As subsequêntes proposições do período melhor estariam no modo finito, que no gerúndio. Muito aproveitaria até reduzi-las a apenas duas coordenadas assindéticas — "*tratou-a como filha; deu-lhe assistência e todo o carinho*" — sintaxe, por certo, mais simples e mais econômica que a original: "*tratou-a como filha, dando-lhe assistência e pondo nela seu maior carinho*".

No exemplo, o período seguinte dispensa as orações subordinadas. Diríamos: "*Muitas vêzes, eu mesmo o vi — nas febres da menina, éle próprio dava-lhe os banhos e a acalentava nos braços*". Temos, depois do travessão, duas coordenadas em função de apôsto do pronome *o*, objeto direto de *vi*.

Veja-se agora o que propomos em substituição ao período final: "*Agora, está éle de cabeça branca e pernas trôpegas, e ela, ingrata, não lhe cuida da velhice*". Compare-se isto com o que está no texto para corrigir. Qual o melhor? Qual o estilisticamente preferível? Haverá dúvida quanto à excelência e superioridade desta nova redação sobre a outra? A diferença está na clareza e na expressão mais concisa.

Eis o texto completo, com novo arcabouço e aliviado do pêso das orações subordinadas:

*"Rico e sem filhos, recebeu Azevedo aquela menina; tratou-a como filha; deu-lhe assistência e todo o carinho. Muitas vêzes, eu mesmo o vi — nas febres da menina, éle próprio dava-lhe os banhos e a acalentava nos braços. Agora, está éle de cabeça branca e pernas trôpegas, e ela, ingrata, não lhe cuida da velhice"*.

Através dêsses exercícios, vai o aluno adquirindo, conscientemente, a técnica de redação, no esmêro da clareza, da concisão e da elegância.

Vem a propósito, aqui, o parecer de SCHOPENHAUER sobre a segunda dessa qualidades: "Todo exagêro produz geralmente o contrário do fim previsto. Assim, as palavras servem para tornar as idéias perceptíveis, mas sòmente até certo ponto. Amontoados além da justa conta, escurentam sempre as idéias a comunicar. Missão do estilo e encargo do juízo é parar na risca exata; pois, cada palavra demasiada é contraproducente. VOLTAIRE disse a propósito: "O adjetivo é inimigo do substantivo". Mas, na verdade, muitos escritores buscam esconder, na superabundância das palavras a pobreza das idéias. Evite-se, conseqüentemente, tôda prolixidade e todo encrustamento de notículas insignificantes que não pagam a pena de ser lidas. Devemos economizar o tempo, os esforços e a paciência do leitor. Se o fizermos, éle crerá, de boa mente, que mereça leitura atenta o que lhe oferecemos e recompensará nosso trabalho. Vale mais omitir alguma coisa boa que ajuntar algo insignificante. Aplica-se bem, aqui, a frase de HESÍODO: *a metade é preferível ao todo*. Em suma: não dizer

tudo! “O segredo do enfartamento é dizer tudo”. Logo, sempre que possível, só a quintessência, só o essencial, nada que o leitor não possa, por si mesmo, repensar. Recorrer a muitas palavras para exprimir poucas idéias é sinal infalível de mediocridade. O do cérebro eminente, ao contrário, é concentrar muitas idéias em poucas palavras”. (2)

Mais um exemplo.

Seja eliminar as subordinadas do seguinte texto e torná-lo mais conciso.

*“O terceiro recebeu quantia igual à soma dos dois primeiros. Portanto, precisamos diminuir à quantia toda a soma dos dois primeiros, para acharmos quanto tocou ao terceiro. Depois, se divide o que o terceiro recebeu pelo número de dias do mês, para se saber o que ele recebe por dia de trabalho.”*

Na expressão *dos dois primeiros* é supérfluo o numeral *dois*. Se há somente três, os primeiros são forçosamente dois. Mencionar o implícito é alongar os períodos sem necessidade.

O período iniciado em *Portanto*, constituído de três orações, fácil se reduz a uma só coordenada: *portanto, com a subtração desta ao total, acharemos a parcela do terceiro*. Note-se o encurtamento. Estão aqui doze palavras numa só unidade da cadeia fraseológica, e ali, dezesseis palavras e três unidades, para expressar o mesmo pensamento. Qual o segredo? — A eliminação das subordinadas.

Tôdas as idéias do período final, de quatro orações, cabem numa coordenada latente, sem prejuízo da clareza: *e, com a divisão pelos dias do mês, a sua diária*. Aqui reponta a sobreexcelência da concisão. As vinte e cinco palavras do original reduzem-se a onze.

Afeito a expressar o maior número de idéias no mais simples e menor arranjo verbal, terá o discípulo a qualidade de ser conciso em tudo que escreva. Todavia, cumpre não extremá-la para não cair na obscuridade, na falta de clareza.

Eis o texto encurtado e livre das subordinadas:

*“O terceiro recebeu quantia igual à soma dos primeiros; portanto, com a subtração desta ao total, acharemos a parcela daquele, e, com a divisão pelos dias do mês, a sua diária.”*

Agora perguntamos: como explicar os vícios de colocação dos pronomes, de regência, de pontuação, os galicismos e os cruzamentos sintáticos, sem o arrimo das noções de análise? Como evitar o estilo campanudo, sem conhecer as correspondências de estruturas, sem aferir o valor das correlações e justaposições como fator de equilíbrio nos acúmulos de coordenadas e subordinadas?

Reconheçamos. Imprescindível, até no dosar o essencial para o máximo efeito de expressão, é o concurso da análise sintática.

(2) SCHOPENHAUER, apud JOSÉ OITICICA, *Manual de Estilo*, p. 39.

Não queremos terminar sem uma observação final.

Ensina-se nos Cursos de Administração do D. A. S. P. a língua padrão, a que serve igualmente a toda a comunidade lingüística; porém, com finalidade bem definida, que é a de servir às atividades administrativas no serviço público federal. Conveniente seria, pois, dispussem, ali, professores e alunos, de uma Antologia, não só dos bons modelos de todos os papéis e documentos oficiais, como também de trechos seletos dos melhores autores brasileiros, acompanhados sempre de copioso comentário técnico, gramatical e estilístico, e de amplo vocabulário com rigorosas e esmeradas definições, dentro dos ditames da lógica formal e sem perder de vista os caracteres essenciais e diferenciais do que se pretende definir.

Outro subsídio importante, no estudo da semântica, será o arrolamento dos parônimos, onde se aponte a diferença de aceção, por exemplo, entre *ahjeção* (desprêzo, aviltamento, degradação; do latim *abjectione*, de *abjicere*, composto de *ab* e *jacere*: lançar, atirar) e *objeção* (argumento contrário, réplica, refutação; do latim *objectione*, de *objicere*: expor, lançar em rosto; composto de *ob* e *jacere*); a diferença entre *acelerado* (veloz, apressado, ligeiro; do latim *accelerare*, composto de *ad* e *celerare*, derivado de *celer*, *celeris*, *celer*) e *celerado* (criminoso, facínora; do latim *sceleratus*, de *scelerare*: manchar por crime, profanar). E assim, sucessivamente, se faria o mesmo para *sessão*, *cessão* e *seção*; *acidente* e *incidente*; *aberceber-se* e *perceber*; *apóstrofe* e *apóstrofo*; *intemerato* e *intimorato*; *mal* e *mau*; *assentamento* e *assentimento*; *mais* e *mas*; *percussor* e *precursor*; *pleito* e *preito*; *flagrante* e *fragrante*; *colisão* e *coalizão*; *prescrever* e *proscrever*; *avocar* e *invocar*; *cédula*, *sédula* e *célula*; *descrição* e *discrissão*; *retificar* e *ratificar*; *salubre* e *salobro*; *concêrto* e *consêrto*; *bebedor* e *bebedouro*; *sustar* e *suster*; *vago* e *vazio*; *deferir* e *diferir*; *eminente* e *iminente*; *incipiente* e *insipiente*; *vultoso* e *vultuoso*, *despensa* e *dispensa*; *estreme* e *estremoso*; *inerte* e *inerme*; etc.

E' o suficiente como sugestão.

Na mesma Antologia, útil ainda será vasta exemplificação dos galicismos vitandos, principalmente os sintáticos. Com isso, poderá o estudante, em defesa do patrimônio lingüístico, nacional, expurgar do torneio da frase as construções próprias da língua francesa, tão freqüentes na nossa imprensa diária, e, não obstante, das mais nocivas à opulência, originalidade e beleza do idioma nacional.

Finalmente, um capítulo próprio sobre estilo e sintaxe na redação oficial constituiria excelente fecho ou prólogo da idealizada Antologia.

Tudo isso, porém, nada mais representa, que elementar esforço nosso de contribuição nessa obra de alto sentido educativo, em que se empenham os Cursos de Administração do D. A. S. P.